



DISTOPIA E CAPITALOCENO: RUPTURAS SÓCIO AMBIENTAIS NO SISTEMA CAPITALISTA DE EXPLORAÇÃO DAS NATUREZAS HUMANAS E EXTRA HUMANAS EM “A PARÁBOLA DO SEMEADOR”

LUIZA DA SILVA SOUZA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – souzaluiza@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

As distopias eco críticas materializam-se em cenários apocalípticos para tornar visíveis as consequências das dominações que o capitalismo realiza com a natureza humana e não humana para se perpetuar e reinventar. Em *A Parábola do Semeador* (1993), o espaço distópico descreve as condições de vida nefastas. O romance se passa em um mundo perigoso, as crises ambientais e econômicas desencadearam desestabilidades sociais, além de não haver segurança. O que resta aos seus habitantes, é a tentativa de sobrevivência e estabilidade murando e cercando seus bairros para manter o ambiente apocalíptico do lado de fora. Através desse romance, Octavia Butler retrata as potencialidades destrutivas do capitalismo que geram crises de recursos naturais até seu esgotamento, degradação ecológica e social. É pela literatura distópica que a autora salienta e provoca reflexões sobre o como os problemas ecológicos preconizam também problemas sociais.

A complexidade do colapso ecológico postula diferentes teorias para dar conta de explicitar os motivos dos desequilíbrios ambientais. Nos anos 2000, com a publicação do artigo de Paul Crutzen e Eugene Stoermer, emergem os estudos sobre uma nova era geológica, esses que argumentam sobre os efeitos antrópicos como sendo grandes forças capazes de interferir na evolução terrestre (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17). É uma nova era chamada de Antropoceno (*antropos* - homem, *ceno* - era) que postula a humanidade como agente geológico modificador das camadas rochosas. As alterações atmosféricas são tão significativas que se fez necessário uma nova periodização (CARVALHO, 2015, p. 03).

A noção de Antropoceno auxilia essencialmente a determinar e examinar os efeitos das transformações humanas sobre os ecossistemas. Entretanto, ele omite a magnitude dos impactos das desigualdades de espécies, não alcançar debates históricos e políticos e classifica a espécie humana como um agente impreciso e generalizado. Assim sendo, a alternativa é optar por uma interpretação do Antropoceno sugerida por Jason Moore (2016, p. 2), o Capitaloceno (era do capital). Ele argumenta que o sistema econômico capitalista é o articulador de uma organização da natureza (2016, p. 06). Ao compreender que as transformações eco-sociais aumentam com o princípio de uma sociedade exploratória capitalista, permite aos estudiosos um olhar aguçado para as relações de exploração do trabalho e da natureza. O sistema capitalista tem como objetivo principal o lucro (MOORE, 2016, p.102) e desenvolve um sistema que se auto sustenta, pois ele cria um ciclo infinito de geração e acúmulo de riquezas. Dentro desse sistema, tanto a natureza quanto o trabalho tornam-se produtos de exploração. A relação homem e natureza se ressignifica.



No campo literário, a crise das práticas de capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e degradação ecológica se materializam nos mundos distópicos. Ao fazer isso, a literatura salienta e provoca reflexões sobre problemas das sociedades humanas. A palavra distopia vem do grego “dis” de “dor” “sofrimento” e “topos” significa lugar. Logo, distopia exprime um lugar de dor e dificuldade. A literatura distópica manifesta os impactos das crises existentes do presente em que se vive. É crucial para uma visão distópica registrar o impacto de sistema social aparentemente invisível na vida cotidiana de pessoas ordinárias (SARGENT, 2010, p. xii). O objetivo do presente resumo é apresentar as análises até agora desenvolvidas no projeto de dissertação que busca observar como o conceito Capitaloceno se materializa nos espaços distópicos e analisar como a personagem do romance tenta ultrapassar as explorações do sistema.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é um recorde do projeto de dissertação que está se desenvolvendo nas pesquisas sobre Antropoceno, Capitaloceno e suas relações com o romance distópico. O referencial teórico parte dos estudos de Cruzten e Stoermer (2000) para dar base à noção de Antropoceno, passam pelas reformulações de Lewis e Maslin (2015) para chegar na conceituação de Moore (2013; 2015; 2016) de Capitaloceno. Ainda, são utilizados os pesquisadores da área de distopia como Claeys (2017), Sargent (2010) e Moylan (2000). A conversa entre os conceitos acontece a partir de uma análise da obra de Octavia Butler, *A Parábola do Semeador* (1993) para costurar esses conceitos e explicitar o resultado das ações capitalistas na vida de grupos marginalizados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As distopias conseguem definir cada vez mais “o espírito de nossos tempos” (CLAEYS, 2017, p. 498) e por isso elucidam as ansiedades e medos humanos do que podem resultar das catástrofes ecológicas. Lauren Olamina, protagonista de *A Parábola do Semeador*, vive exatamente na materialização desse ambiente catastrófico. Moradora do bairro murado de Robledo, é obrigada a sair em fuga em busca de estabilidade, segurança e sobretudo sua liberdade. O romance começa a ser narrado na Califórnia de 2024 que tornou-se uma “ferida aberta” (BUTLER, 2018, p.136) e um local que está constantemente se “desintegrando aos poucos” (p. 154), porque mostra em detalhes como as forças destrutivas do capitalismo e das corporações multinacionais operam para a destruição do meio ambiente tornando-o em um espaço impossível de viver para pessoas pobres. Já que os ricos vivem em fartura, com segurança e guardas (p. 146).

Posto isso, o conceito de Capitaloceno auxilia na compreensão de como as práticas capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e degradação ecológica se materializam no caos eco social. O romance explicita quais são os recursos de sobrevivência criados pela protagonista para driblar as estruturas de dominação capitalista em uma jornada de resistência e transformação sistêmica. Nesse romance, a crise das práticas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, se materializa no mundo de Lauren, onde muitas pessoas na Terra não têm dinheiro para água, comida, um teto e a solução para tudo tornou-se a violência (BUTLER, 2018, p. 28):



O preço da água subiu de novo. E eu soube pelo noticiário de hoje que mais vendedores estão sendo mortos. [...] Meu pai disse que, agora, a água custa muito mais do que a gasolina. Mas, com exceção dos incendiários e os ricos, a maioria das pessoas desistiu de comprar gasolina. [...] Vimos um reservatório totalmente seco e três mascates de água mortos. (BUTLER, 2018, p. 29)

Esse romance mostra como a degradação ambiental causa dano nos sistemas sociais e políticos principalmente com os grupos marginalizados. Há uma grande lacuna na condição de vida entre ricos e pobres. Enquanto tem um grupo pequeno de pessoas ricas, há muitas "pessoas pobres, analfabetas, desempregadas, desabrigadas, sem saneamento básico decente ou água limpa" (BUTLER, 2018, p. 70), em sua maioria negras e latinas. Também, a impotência governamental, gerada pela ganância capitalista dos líderes, aumenta ainda mais essa lacuna. Enquanto ricos têm condições de manter serviços básicos de saúde, segurança e alimentação, pessoas pobres vivem em condições de miséria. Sem contar que ainda enfrentam falta de recursos, pois não há água em lugar algum; falta de oportunidades e acessos.

É o caso da família de Lauren Olamina composta por seus 2 irmãos e pai negros, além de sua madrasta latina. Vivem em uma comunidade minúscula, murada (BUTLER, 2018, p.23) e quando precisam sair dessa região necessitam utilizar armas para proteção pessoal e grupal. Um leitor preso no binarismo do bem/mal é pego de surpresa por um romance onde matar também é questão de sobrevivência. O mundo torna-se um espaço inseguro e violento, as armas tornam-se um instrumento de sobrevivência, apesar de que "pessoas com armas morrem, sim - principalmente em troca de tiros ou por atiradores -, mas pessoas desarmadas morrem com mais frequência e facilidade" (BUTLER, 2018, p. 52). A protagonista tem um olhar visionário ao perceber que, apesar de murados, a paz que se estabeleceu na comunidade não será eterna. Quando invasores atacam Robledo, ela se vê na necessidade de fugir junto com dois amigos para encontrar um local estável e seguro para conseguirem viver.

Lauren cria um movimento de resistência que se torna uma ferramenta para (re)transformar tanto as relações humanas, mas também dos humanos com a Terra. Um sistema de crença que propõe como sua entidade maior a Mudança, ela batiza esse sistema de Semente da Terra (p. 100). Seu objetivo é instigar uma mudança interior espiritual para, em seguida, desenvolver uma transformação no sistema: o básico é aprender a moldar Deus, porque um Deus da inércia é seguido por fiéis em inércia. A Semente da Terra propõe constância na modificação (p. 324); saber educar e beneficiar sua comunidade, sua família (p. 324); consciência para resolver problemas e preparação para um solo novo; abandonar a terra-mãe (p.187).

As práticas baseadas no cuidado com a Terra e com os outros é o que sustenta a Semente da Terra. A partir desse sistema de crenças, Lauren constrói uma comunidade acolhedora que prioriza a transformação das estruturas de violência entre pessoas e com a Terra provedora. Ao mesmo tempo, o sistema da comunidade auxilia os membros a desenvolver seus potenciais latentes e melhorarem suas espiritualidades consigo e com os outros. Além de que a comunidade fundada, Bolota, é um espaço de diversidade e igualdade, consequentemente todos são bem vindos e não há nenhum tipo de discriminação por raça, gênero, orientação sexual. A crise das práticas de capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e



degradação ecológica é revertida, pois a religião Semente da Terra propõe um modo de vida ecologicamente sustentável. O que Lauren busca é restaurar uma visão utópica, de um espaço onde seja possível viver no coletivo e em harmonia com o ambiente para que se possa espalhar a Vida da Terra em novas terras para poderem cumprir o Destino da Semente da Terra : “criar raízes entre as estrelas” (BUTLER, 2018, p. 100).

4. CONCLUSÕES

As noções de justiça ambiental e justiça social são conceitos interligados. Lauren, ao tentar reverter o sistema pela criação da Semente da Terra, torna visível que as formas de dominação capitalistas é que geram a desarmonia ambiental e social. Ao criar sua comunidade, Bolota, ela ensina que a destruição ambiental e as desigualdades sociais são fruto do pensamento enraizado do capitalismo de exploração. Para entendermos, então, os processos de destruição ambiental, primeiramente é preciso analisar como as estruturas de poder do capital organizam e pensam a natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, O. **A Parábola do Semeador**. São Paulo: Morrobranco, 2018.
- CARVALHO, L. F. M. **O tempo da ruptura do mundo: Antropoceno e Capital**. 2015. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/16098/1/O%20Tempo%20da%20Ruptura%20d o%20Mundo_Luhuna%20Carvalho.pdf> acesso em 05 de agosto de 2021.
- CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Great Britain: Oxford University Press, 2017.
- CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. Global change newsletter. **The Anthropocene**, v. 41, p. 17-18, 2000.
- LEWIS, S. L.; MASLIN, M. A.; Anthropocene: Earth system, geological, philosophical and political paradigm shifts. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 2, 2015.
- MOORE, J. Antropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 1-11.
- MOORE, J. El auge de la ecología-mundo capitalista (I): las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima. **Revista Laberinto** n°38: , 2013, p. 9-26.
- MOORE, J. W. **Capitalism in the web of life: Ecology and the accumulation of capital**. London: Verso Books, 2015.
- MOYLAN, T. **Scraps of the Untained Sky**. Colorado: Westview, 2000.
- SARGENT, L. T. **Utopianism: A Very Short Introduction**. Great Britain: Oxford University Press, 2010.
- OLIVEIRA, A. M. S. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **Pegada: Revista de Geografia do Trabalho**, v. 03, Número Especial, 2002.